

Luis Emiliano Costa Avendaño

Por Claudia Sá

O mestre das formas



Foto: arquivo pessoal

ERA 1979. E A INSTABILIDADE ECONÔMICA VIVIDA PELO CHILE, QUE

culminou no fechamento de boa parte das indústrias de bens duráveis, impulsionou o jovem designer industrial Luis Emiliano Avendaño, então aos 26 anos de idade, a tentar a vida no Brasil. Nascido na cidade de Quillota, região de Valparaíso, e formado pela Universidad Católica de Valparaíso (UCV), Avendaño se estabeleceu na capital paulista, onde constituiu família e fez sua carreira prosperar.

Aqui, sua trajetória teve início na indústria eletroeletrônica, em empresas, como CCE, Sharp e Gradiente. Depois, atuou no escritório de desenho industrial Forma & Função, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e no Centro São Paulo Design. Em 1996, foi convidado pela Universidade Paulista (Unip) a lecionar as disciplinas Metodologia de Projeto e Projeto do Produto, no curso de desenho industrial.

A partir desse momento, tomou gosto pelo ensino e passou a investir na área, concluindo, em 2003, o mestrado em Gestão do Design, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU). Atualmente, leciona no Centro Universitário Belas Artes, Faculdades Oswaldo Cruz e Universidade Bandeirante (Uniban). Além disso, é titular do escritório Leca Design & Comunicação, especializado em consultoria em design, atividade que faz questão de enfatizar que nunca deixou de lado.

Nesta entrevista exclusiva, concedida à Revista Lume Arquitetura, fala do início de sua carreira no Brasil e de suas primeiras impressões sobre o design

brasileiro, que, segundo ele, era bem-visto no Chile. Revela também sua visão sobre a arte de fascinar os olhos e alcançar a alma das pessoas pelas formas, além de destacar seu trabalho no campo acadêmico, e, claro, na área da iluminação.

Lume Arquitetura: *Fale sobre o início de sua carreira.*

Avendaño: Cheguei a São Paulo em 1979. Era um tempo de dificuldades no Chile, e eu não estava conseguindo desenvolver o conhecimento que tinha aprendido na Universidad Católica de Valparaíso, a UCV, onde me graduei em Desenho Industrial, após cinco anos de estudos. Por isso, decidi vir para o Brasil por recomendações de amigos.

Lume Arquitetura: *Aqui, a ditadura já começava a enfraquecer... Mas a vida também não era fácil, nessa época, em terras brasileiras...*

Avendaño: Não, mas o Brasil projetava uma imagem muito positiva lá fora através do “milagre brasileiro”. Eu tinha contatos aqui no Brasil que me incentivaram a vir para estes lados. E deu tudo muito certo, após três meses da minha chegada consegui meu primeiro emprego na CCE, como Projetista Mecânico.

Lume Arquitetura: *Como era visto o design nos anos 80 no Brasil? Era diferente da concepção chilena?*

Avendaño: Eram mundos totalmente diferentes. O Brasil era e é uma potência industrial; o Chile estava engatinhando na questão do design de produtos, era uma profissão nova, não tinha toda a história que o design brasileiro.

No Chile, um dos designers mais atuantes e que impulsionou o reconhecimento do design foi o Gui Bonsiepe que, aqui no Brasil, montou o Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial – LBDI, em Santa Catarina. Nós não tínhamos um Alexandre Wollner, um Freddy Van Camp, um Sergio Rodrigues, um empresário como José Mindlin, que lutou pelo reconhecimento do design, Lina Bo Bardi e tantos outros pioneiros na estruturação do design brasileiro.

Lume Arquitetura: *Houve dificuldade de adaptação à cultura e ao gosto brasileiro?*

Ou o design é universal, não tem a ver com cultura?

Avendaño: Meu único problema inicial foi o idioma, mas como é muito semelhante ao espanhol, até cria-se confusões, foi muito fácil a adaptação. Sem dúvida o design é universal, mas não vamos confundir com globalização; o respeito às culturas de cada país é essencial.

Lume Arquitetura: *Quando decidiu se tornar professor?*

Avendaño: Comecei em 1996. Naquele tempo eu trabalhava na Fiesp, e me convidaram para dar aulas na UNIP. Então, eu aceitei o desafio. Prefiro ir em frente e errar, do que não ter coragem para realizar a tarefa. Foi muito difícil, passei por muito nervosismo no começo, mas, com o tempo, percebi que era outra paixão.

Design é a capacidade de entender o sentido humano e, através desta observação, gerar soluções inovadoras. Design é paixão, é poesia, é emoção, é sensibilidade.

Em 2007, comecei a lecionar em cursos de pós-graduação no IPOG [Instituto de Pós-Graduação] e Faculdades Oswaldo Cruz, nas áreas de iluminação e cosmética – que trata do desenho de embalagens. Hoje, atuo também no Centro Universitário Belas Artes e na Uniban, tentando passar esta paixão para os alunos.

Lume Arquitetura: *Você acredita que a sua extensa experiência na prática da profissão faça a diferença na hora de transmitir o conhecimento?*

Avendaño: Acredito que seja correto que

o professor passe por uma experiência prática antes de dar aulas, senão ele se torna um teórico. Temos que conhecer a indústria, saber como se fabricam as coisas, quais são os materiais utilizados... Temos que sentir, tocar, cheirar, apalpar, questionar tudo.

Lume Arquitetura: *Você se considera mais designer ou professor?*

Avendaño: Sem dúvida designer.

Lume Arquitetura: *O que é design na sua concepção?*

Avendaño: Design é a capacidade de entender o sentido humano e, através desta observação, gerar soluções inovadoras. Design é paixão, é poesia, é emoção, é sensibilidade. O conhecimento tecnológico qualquer um pode aprender, pois está nos livros e catálogos, mas a capacidade de entender o valor humano é o que faz a diferença. Quando crio uma luminária, penso na experiência emocional do usuário, mais na luz do que no objeto.

Lume Arquitetura: *Então, é possível ensinar design? É possível desenvolver a capacidade de percepção nos alunos, a sensibilidade de cada um? Ou essa é uma questão individual: a pessoa já chega com ela na escola, que, então, transmite-lhe apenas o conhecimento técnico?*

Avendaño: Sem dúvida, é possível. Mas os dois lados têm que ter paixão pelo que fazem. O professor deve praticar sua profissão e passar essa experiência e visão para o aluno, e, por outro lado, o aluno tem que ter vontade de apreender, de perguntar para tirar suas dúvidas.

É através da soma da teoria e da prática que o aluno compreende o mundo do design, mas o seu êxito vai depender de sua capacidade de compreensão do contexto criativo.

Nem todos os alunos de um curso vão se profissionalizar na área de design, alguns serão bons, outros vão surpre-



Luminária Lasca

Criação: Luis Emiliano Avendaño

Ano: 2009

Fabricante: StudioF

através do seu valor estético e simbólico que tem a ver com o valor que o próprio consumidor dá aos objetos. Ela não só é luz, é a extensão da personalidade dos seus usuários.

Lume Arquitetura: *Quais as diferenças entre design de luminárias técnicas e decorativas?*

Avendaño: Inicialmente, para o designer, a diferença é tecnológica. Nas luminárias técnicas, precisamos conhecer com mais profundidade os valores luminotécnicos: fotometria, ótica de reflexão, curvas, etc. Já nas luminárias decorativas, por não serem produtos da razão e sim da emoção, os valores são mais subjetivos; o que interessa neste último caso é o prazer da luz.

Lume Arquitetura: *O que cada uma requer exatamente?*

Avendaño: Nas luminárias técnicas, exige-se que ofereçam níveis mínimos de iluminação, fixados por normas técnicas, tenham boa distribuição da luz e boa reprodução de cor, aparência mais neutra e fria, alto controle de mutabilidade e que não causem ofuscamentos. A economia de energia é um parâmetro importante do projeto.

Nas peças decorativas, os níveis mínimos de iluminação definidos na norma são muito baixos e têm pouca importância. A desuniformidade da luz é aceita, os contrastes excessivos são muitas vezes absolutamente desejados, como relação claro-escuro, luz e sombra, e é necessária uma boa reprodução de cor e aparência quente de cor e mutabilidade.

Lume Arquitetura: *Uma luminária técnica, por exemplo, não pode também decorar e vice-versa?*

Avendaño: Dependendo da luminária é possível. Por exemplo: nas luminárias de jardim onde a decoração e os parâmetros da luz são importantes e em algumas

ender... E isso tem a ver com talento e paixão pelo ofício.

Lume Arquitetura: *Quais trabalhos seus você considera os mais emblemáticos?*

Avendaño: Sempre os últimos. Assim todas as criações em seu devido momento me deixaram muito satisfeito, mas tenho um carinho especial pelas da área da eletroeletrônica. Na área acadêmica sinto um verdadeiro prazer quando um aluno, sob a minha orientação, ganha seu reconhecimento pela criatividade através dos prêmios recebidos.

Lume Arquitetura: *Atualmente, você se dedica exclusivamente ao ensino ou há tempo para projetar?*

Avendaño: Estou há 13 anos dando aulas e em paralelo sempre mantive minhas consultorias em design. O meu escritório é o que se pode chamar de cooperativo, dependendo do projeto chamo diferentes parceiros com suas diferentes competências para, em conjunto, criarmos soluções que vão além do próprio design do produto, pensando no sucesso da empresa e sua marca.

Há três anos, estou atuando na área da iluminação, mais especificamente no design das luminárias. Hoje trabalho para vários clientes do setor de iluminação, entre eles A Oficina da Luz, de Ribeirão Preto, e StudioF, Munclair e Metalmech, de São Paulo, capital, entre outros.

Para essas empresas desenvolvo luminárias, e inserindo nelas a visão

estratégica no negócio. Não é suficiente desenvolver uma peça criativa, é preciso pensar em alavancar a marca para qual se trabalha, através da gestão do design. Creio que essas criações poderão ser vistas na próxima Expolux.

Lume Arquitetura: *Quando e como foi o seu encontro com o lighting design?*

Avendaño: Meu encontro com essa competência foi durante o período de aulas no IPOG. Senti paixão pela luz e pelo que ela faz no produto e no ambiente, então, comecei a conversar com colegas, preparei-me através de cursos de curta duração como os da Philips, visitei exposições, comprei livros, enfim, adquiri e continuo adquirindo meu repertório cultural.

Lume Arquitetura: *Qual é a sua definição de lighting design?*

Avendaño: É a gestão da luz nos ambientes internos e externos, seja dentro dos valores sociais, tecnológicos e de eficiência. É a iluminação projetada de forma que atenda à funcionalidade do espaço e a eficiência energética e promova o conforto do usuário, visando sua saúde e valores psicológicos.

Lume Arquitetura: *Qual é o papel da luminária na composição do desenho da luz?*

Avendaño: A luminária é o suporte da luz, é a "embalagem" da luz. Ela faz parte da sensação de conforto do ambiente



Luminária Wind

Criação: Luis Emiliano Avedaño

Ano: 2009

Fabricante: StudioF

idades turísticas, onde as prefeituras promovem o uso de peças temáticas, que têm relação com a sua história e seu foco turístico, entre outros.

Lume Arquitetura: *Como é a relação entre lighting designers e designers de luminárias?*

Avendaño: Há uma dependência de ambas as partes. Nós os designers de luminárias precisamos estar “anteados” com as mudanças dos espaços arquitetônicos e, em especial, com os comportamentos sociais dentro deles.

Estamos sempre projetando objetos que os especificadores vão poder aproveitar nas suas propostas de ambiente; os fabricantes também precisam desenvolver produtos que atraiam o consumidor, embasados em valores intrínsecos ao momento histórico. Deve existir uma parceria que preze pelo respeito mútuo pelas competências de cada um.

Lume Arquitetura: *A que você atribui o recente reconhecimento do design brasileiro?*

Avendaño: O termo “recente” é muito subjetivo. O designer é uma profissão jovem comparada com outras, como arquiteto, por exemplo, mas é uma juventude moderna que amadureceu muito rápido, e que agora se pode dizer que anda com as suas próprias pernas. Hoje, design não é só estética; na visão atual é estratégico para os negócios das empresas.

E, em virtude das mudanças de contexto, como a globalização, meio ambiente, mudanças sociais, informática, etc., o designer conseguiu aliar criatividade à tecnologia, conseguindo, assim, propor soluções altamente inovadoras e reconhecidas no mercado internacional. Por outro lado, creio também que isso vem ocorrendo porque os profissionais perderam o medo de mostrar suas ideias lá fora.

Lume Arquitetura: *Será que é porque o Brasil está na “moda”? Ou é fruto do trabalho de várias gerações?*

Avendaño: Não é uma questão de moda, é um processo evolutivo que vem crescendo em virtude dos profissionais que amadureceram seu pensamento e processo criativo, e entidades que estão desenvolvendo o design de uma maneira concreta, como o Programa Brasileiro do Design e associações de classe.

Ainda precisamos evoluir muito mais, e, em especial, fazer com que o empresário adquira uma cultura de design e de risco, e que aposte nesta competência para ganhar seu espaço neste mundo comercial sem fronteiras.

Lume Arquitetura: *Quanto é importante para um designer vencer premiações como o iF Design Awards?*

Avendaño: Este prêmio e outros são muito importantes não só para o designer que o recebeu, mas também para mostrar que o Brasil tem talentos reconheci-

dos lá fora, que as empresas brasileiras não precisam importar design, muito menos copiar o design de fora.

Elas precisam inovar, arriscar, investir em novas tecnologias, processos e design, que tragam valor agregado e lucro. Quando o design brasileiro é premiado no exterior, a imagem da empresa que o fabricou se projeta no mundo, valorizando-se no mercado. O designer ganha novas consultorias ou, simplesmente, o reconhecimento do seu talento. Todos ganham.

Lume Arquitetura: *Por que o design está tão atrelado ao reconhecimento via algum prêmio?*

Avendaño: Existe o outro lado da moeda. Conheço vários designers talentosos e empresas que não se interessam em ganhar prêmios; para eles o sucesso comercial do produto é mais importante, já para outros o reconhecimento é visto como valorização do profissional e da marca.

Por isso, acredito que não podemos generalizar que o reconhecimento do design se dá somente pelo prêmio. Se a intenção do designer é ganhar prêmio, então começou o projeto de maneira errada.

No meu ponto de vista, o mais importante é a experiência do consumidor ou usuário, depois o sucesso comercial e o lucro da empresa e marca, obviamente. Um projeto bem-planejado pode trazer como consequência um prêmio, mas – ressaltado – não deve ser essa a intenção principal.

Lume Arquitetura: *Como avalia o design de luminárias no Brasil? Há interesse pela atividade?*

Avendaño: Observo que nestes últimos cinco anos, finalmente, as empresas do ramo estão contratando designers para desenvolver luminárias. Ainda impera muita cópia, mas, aos poucos, a situação está mudando. Nomes como o de



Luminária Retangular

Criação: Luis Emiliano Avendaño

Ano: 2009

Luminária Conceito

Fernando Prado, Baba Vacaro e Fabíola Bergamo, entre outros, têm levado muita criatividade para o setor, alavancado o design de luminárias de maneira positiva.

Para melhorar ainda mais, precisamos que os empresários invistam em tecnologias e novos materiais. O processo, na sua maioria, ainda está ligado à metalurgia. Há pouco investimento em polímeros ou materiais compostos, porque o custo é mais alto, e para que esse valor recue, dependemos da escala de produção. Uma solução seria começar a exportar luminárias.

Lume Arquitetura: *Em termos de processo de produção e materiais, então, precisamos avançar?*

Avendaño: O que estou comentando é que no Brasil ainda se faz muita luminária que depende de um processo conhecido e que, em tese, utiliza as mesmas máquinas e ferramentas, como: calandra, corte, repuxo, dobra de chapa, estampo, pintura eletrostática, chapa de alumínio – a maioria, e/ou de aço.

Outros materiais que poderiam ser mais explorados são: vidro, acrílico, plásticos, madeira, cerâmicas e materiais naturais, como bambu, fibras etc. O que poderia permitir criação de outros designs seria entrar em processos como a rotomoldagem com alumínio fundido. As luminárias de Tom Dixon “Jack Light”, por exemplo, são feitas em polietileno, pelo processo de rotomoldagem.

Eu, pessoalmente, gostaria de de-

envolver algumas luminárias com este processo, mas os custos de moldes, que dependem do tamanho da peça, são os elementos complicadores, por enquanto.

Lume Arquitetura: *Como é a procura pelo curso de design de luminárias que você coordena nas Faculdades Oswaldo Cruz?*

Avendaño: Neste ano decidimos ir para o campo do lighting design em virtude de demandas dos próprios alunos. Então, mudamos o foco da pós-graduação, que passou a se chamar “Iluminação Ambiental Residencial”.

O curso de design de luminárias tem um diferencial interessante, mas o número de candidatos era muito pequeno, o que reflete o tamanho do mercado dos fabricantes de luminárias no País, que são em torno de 400 indústrias. Mas, não me esqueci dele, creio que deverá ser um pouco mais curto, uma especialização ao invés de pós-graduação.

Lume Arquitetura: *Você pretende, então, reformular o curso de design de luminárias e relançá-lo? Para quando vai ser?*

Avendaño: Vou relançá-lo, mas ainda não sei quando. Agora todos os meus esforços estão direcionados na implantação do curso de pós-graduação em Iluminação Ambiental.

Lume Arquitetura: *Reclamações sobre cópias são recorrentes nas grandes empresas e entre os designers famosos. Há*

como combater esta prática?

Avendaño: A cópia infelizmente é uma prática cada vez mais comum. Quando é feita por empresários é por puro comodismo, e quando por profissionais por falta de criatividade. As empresas precisam inovar para se destacar perante a concorrência e o designer pode ser de uma grande ajuda nesse processo.

Nós fomos capacitados para pensar diferente e a lançar ideias absolutamente novas. Resta ao empresário assumir uma parcela de risco e apostar no design. Reconheço que algumas empresas não têm tido uma boa experiência com designers, seja pela inviabilidade das propostas ou pela falta de criatividade e até por problemas de postura, mas não podemos generalizar.

Lume Arquitetura: *Você acredita que exista alguma solução para esse tipo de ação, que, com o mundo globalizado, tem se tornado cada vez mais corriqueiro?*

Avendaño: Como comentei, a solução é apostar na criatividade e na qualidade do produto. Para concorrer no mundo globalizado, com inteligência própria, o empresário brasileiro deve procurar seu diferencial. Não é pelo preço que vai ganhar o mercado, vai ser pelo design.

Sei que outros fatores influenciam a decisão do empresário: custo Brasil, custos diretos e indiretos, etc., mas até na hora da gestão deste problema é possível descobrir que para ganhar mercado é necessário ser criativo, desenvolver a liderança. Assim, como consequência, virá o reconhecimento da marca e fidelidade do consumidor.

Aqui temos outro problema que precisa ser analisado com posterioridade. O cliente que procura luminárias, escolhe-as pelo design ou pela marca? Até onde a marca da empresa é importante? Por que não se promove a marca? Como é que se realiza o ato da compra? Creio que é tempo de se pensar nessa questão. ◀